



## O BEM SUPREMO DO HOMEM: A FELICIDADE

Francisco Aluziê Barbosa das Chagas<sup>1</sup>  
Glória Cristiana de Oliveira Morais<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo tem como propósito apresentar uma breve reflexão sobre, a determinação do agir humano: o bem como fim e sua realização como *eudainomia* – a felicidade. A pesquisa empreende um recorte exegético metodológico em sua fonte primária: *Ética a Nicômaco*, fazendo uma análise do livro I. No citado livro Aristóteles levanta a hipótese de que existe um fim para o qual tende todas as coisas. Todos os fins e bens aos quais tendem o homem estão em função desse fim último. O fim último tem que ser buscado por ele mesmo. A moralidade, segundo Aristóteles, não pode estar na utilidade, o fim último tem que ser desejado e querido por ele mesmo e nada mais, além disso. Mas se há vários bens e fins aos quais os homens buscam, deve haver um bem que esteja acima dos outros, pois é impossível pensar um processo que conduza de um fim ao outro e de um bem a outro até o infinito. O verdadeiro bem humano incide na atividade da razão. Esta é a virtude do homem e é nela que se deve procurar a felicidade. As virtudes são indispensáveis, haja vista que a vida não se realiza acidentalmente, mas mediante a *práxis*. A felicidade é uma atividade própria da alma segundo a virtude. A vida ética deve estabelecer uma relação dialética entre a ideia e a *práxis*, porque não devota de conceber sistemas conceituais, mas de fundamentar e investigar sob as bases da razão, o *ethos* em que vivemos. Na metodologia desse trabalho é utilizado o método analítico e a pesquisa é genuinamente bibliográfica.

**Palavras-chave:** Felicidade. Fim último. *Práxis*. Ética.

### INTRODUÇÃO

A questão central no livro I da *Ética a Nicômaco* é a determinação do fim humano. Toda ética de Aristóteles é teológica, isto é, o fim da ação tem que ser nela mesma. Tanto a *Ética a Nicômaco* quanto a *Política* visam o agir humano. A *Ética a*

<sup>1</sup> Professor da rede estadual de ensino pela Secretaria de Educação e da Cultura do Estado do Rio Grande do Norte e da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte, graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras/PB. Mestre em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte/MG. E-mail: aluzie@gmail.com.br

<sup>2</sup> Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte (SEEC) e da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). E-mail: gloriacomorais@bol.com.br



**ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**

*Nicômaco* é uma reflexão sobre a *práxis* individual; a Política é reflexão sobre a *práxis* coletiva. Ambos os tratados têm como propósito a orientação do agir humano.

Aristóteles quer determinar o bem humano. Já no início da *Ética a Nicômaco*, mostra qual é o objeto de sua ética quando diz que “toda arte e toda investigação, assim como toda ação e toda escolha tem mira um bem qualquer; por isso foi dito com muito acerto que o bem é aquilo que todas as coisas tendem<sup>3</sup>”. O filósofo tenta buscar o fim último como princípio ético, visto que o homem em suas várias ações tende sempre a precisos fins, os quais os configura como bens, pois o agir humano tende a um bem. Mas se o homem age segundo de fins e bens é necessário que se estabeleça uma hierarquia, uma vez que se há um fim em nossas ações que desejamos e por ele mesmo e tudo mais é desejado por causa dele e não escolhemos tudo mais por outra coisa senão iríamos ao infinito, é preciso que exista um bem que esteja acima dos outros e este bem deve ser o mais sublime dos bens.

Todos os fins e bens aos quais tende o homem estão em função desse fim último. O fim último aristotélico não tem como objetivo a maximização da utilidade, isto é, coisa que produza prazer ou felicidade e que evite a dor ou o sofrimento, como é, por exemplo, da proposta da ética utilitarista do inglês Jeremy Bentham (1748-1832), cuja ideia central é “[...] é formulada de maneira simples e tem apelo intuitivo: o mais elevado objetivo da moral é maximizar a felicidade, assegurando a hegemonia do prazer sobre a dor<sup>4</sup>”. Este modelo de ética compreende o homem como meio e não como fim em si mesmo. A moralidade, segundo Aristóteles, não pode estar na utilidade, então, o fim último tem que ser desejado e querido por ele mesmo.

No entanto, se há vários bens aos quais os homens buscam, deve haver um bem que esteja acima dos outros bens. O que virá a ser o bem supremo? O

<sup>3</sup> ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, in; Os pensadores, IV Aristóteles, São Paulo: Abril Cultural, 1973. Daqui em diante todas as citações da *Ética a Nicômaco*, serão feitas da seguinte forma: EN, livro, capítulo e numeração do parágrafo e linha. EN, I, 1, 1094a 18-23.

<sup>2</sup> EN I, 2, 1091a 18-22.

<sup>4</sup> SANDEL, Michael J. *Justiça: o que é fazer a coisa certa?* Trad. Heloisa Matias e Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015, p. 41.



Estagirita não hesitou em dizer que o bem supremo é a *eudamonia* – a felicidade. Logo, a felicidade é o fim que tendem todos os homens, mas ela somente será realizável na vida comunitária.

## 1 A DETERMINAÇÃO DO FIM ÚLTIMO

Segundo Aristóteles, os homens identificam o bem como a felicidade, como fim último, todavia entre eles não há um consenso das opiniões acerca do que é a felicidade<sup>5</sup>. Será que a felicidade consiste em acumular riquezas? Na honra? Será que a felicidade é o prazer e a diversão? Ou será que viver bem e fazer o bem é a felicidade? Para a determinação de tal fim, Aristóteles parte de dois argumentos demonstrativos: o primeiro procedimento que o filósofo toma é o exame das opiniões dos homens sobre a felicidade. No segundo, ele parte da obra própria do homem (*érgon*). No primeiro, examinando as opiniões acerca do que eles pensam o que seja a felicidade, expressa-se o estagirita:

Verbalmente, quase todos estão de acordo, pois tanto o vulgo como os homens de cultura superior dizem ser esse o fim a felicidade e identificam o bem viver como bem agir como ser feliz. Diferem, porém, quanto ao que seja a felicidade, e o vulgo não concebe do mesmo modo que os sábios. Os primeiros pensam que seja alguma coisa simples e óbvia, como o prazer, a riqueza ou as honras, muito embora discordem entre si: e não raro o mesmo homem a identifica com diferentes coisas, com a saúde quando está doente, e com a riqueza quando é pobre<sup>6</sup>.

Percebe-se que alguns homens almejam a felicidade para o preenchimento de algumas carências humanas, outros concebem a felicidade como a saúde quando se encontram enfermos, outros com a riqueza quando é pobre. Mais o que é mesmo a felicidade? O que Aristóteles entende por uma vida feliz? Vê-se assim, que entre os homens não há concordância no que seja a felicidade, já que não há

<sup>5</sup> NODARI, Paulo Cesar. A Ética Aristotélica. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 24, n. 78, 1997, p. 338.

<sup>6</sup> EN I, 3, 1094a 15-24.



**ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**

unanimidade quanto, ao que ela venha a ser, posto que alguns põem a felicidade no prazer e no gozo, que no seu entendimento uma vida dedicada ao prazer e ao gozo seria uma vida semelhante ao dos escravos e digna dos animais. Outros põem na honra, mas ele diz que ela não é o bem que buscamos, porque a honra é algo exterior. Já os que dedicam sua vida a acumular riqueza, esta é o tipo de vida mais inautêntica e absurda, porque valem no máximo como meio e não como fins. A felicidade:

É ela procurada sempre por si mesma e nunca com vista em outras coisas, ao passo que à honra, ao prazer, a razão e a todas as virtudes nós de fato escolhemos por si mesmos (pois, ainda que nada resultasse daí, continuaríamos a escolher cada um deles); mas também os escolhemos no interesse da felicidade, pensando que a posse deles nos tornará felizes. A felicidade, todavia ninguém a escolhe tendo em vista algum destes, nem, em geral, qualquer coisa que não seja ela própria<sup>7</sup>.

A felicidade é o fim em si mesmo que consiste numa ação virtuosa. Ela não é um estado em que o homem se encontra, é antes, porém uma atividade, a mais suficiente de todas. Mas que tipo de atividade? Para Aristóteles, dizer que a felicidade é o sumo bem parece mais “uma banalidade, e falta explicar mais claramente o que ela seja”<sup>8</sup>. Tal explicação não encontrará maiores dificuldade se antes perguntarmos qual é o bem realizável pelo homem. Neste sentido, o filósofo se questiona, nesta página, que é muito célebre a este entendimento e bastante esclarecedora no que seja a função do homem. Aristóteles se questiona:

Dar-se-á o caso, então, de que o carpinteiro e o curtidor tenham certas funções e atividades, e o homem não tenha nenhuma? Terá ele nascido sem função? Ou, assim como o olho, a mão, o pé e em geral cada parte do corpo têm evidentemente uma função própria, poderemos assentar que o homem, do mesmo modo, tem uma função à parte de todas essas? Qual poderá ser ela<sup>9</sup>?

<sup>7</sup> EN I, 3, 1095a 18-25.

<sup>8</sup> EN I, 1097b 23.

<sup>9</sup> EN I, 7, 1095b 19-20.



**ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**

Se cada coisa tem em si uma função que lhe é própria, assim como a função do olho é ver, a do ouvido ouvir, o bem supremo realizável pelo o homem, no entendimento de Aristóteles, só pode ser aquilo que lhe é próprio. Mas qual é a obra própria do homem? Seria a vida? O Estagirita vai dizer que não, dado que “a vida parece ser comum a todos, até as próprias plantas, mas agora estamos procurando o que é peculiar ao homem [...]”<sup>10</sup>. Com esta afirmação ele exclui a vida de nutrição e crescimento em virtude de que ela não é específica do homem, visto que esta é também comum até aos animais, às plantas. Para Aristóteles, a obra ou função do homem é:

Uma atividade da alma que segue ou que implica um princípio racional, e se dizemos que ‘um tal-e-tal’ e ‘um bom tal-e-tal’ têm uma função que é a mesma em espécie (por exemplo, um tocador de lira e um bom tocador de lira, e assim em todos os casos, sem maiores discriminações, sendo acrescentada ao nome da função a eminência com respeito à bondade – pois a função de um tocador de lira é tocar lira, e a de um tocador de lira é fazê-lo bem); se realmente assim é [e afirmamos ser a função do homem uma espécie de vida, e esta vida uma atividade ou ações da alma que implicam um princípio racional; e acrescentamos que a função de um bom homem é uma boa e nobre realização das mesmas; e se qualquer ação é bem realizada quando está de acordo com a excelência que lhe é própria; se realmente assim é], o bem do homem nos aparece como uma atividade da alma em consonância com a virtude, e, se há mais de uma virtude, com a melhor e mais completa<sup>11</sup>.

Assim, por meio da análise das opiniões e da função do homem, chegamos até aonde brota a definição de felicidade dada por Aristóteles, a partir do *ergo*. Aristóteles define a felicidade como uma atividade própria do homem, segundo a virtude. O específico do homem é a vida ativa que possui o *logos*. Ademais, a obra – *érgon* – própria do homem é viver, entendida como atividade de uma vida ativa, não como possibilidades.

<sup>10</sup> EN I, 7, 1098b-3.

<sup>11</sup> EN I, 7, 1098a 7-16.



## **ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**

O homem bom é aquele que mostra excelência na atividade que lhe é própria (o exercício da razão). A moral para Aristóteles não é um aspecto da vida humana, mas toda sua obra – *érgon* –, todo o seu ser.

Viver para o homem, acarreta o exercício da razão em toda sua amplitude. A felicidade implica o exercício da virtude. A vida feliz não se realiza acidentalmente, mas mediante a aquisição de certos modos de agir, que são as virtudes, que somente serão adquiridas pelo exercício constante. A virtude não é um dom divino e nem muito menos são inatas ao homem, só as adquirimos por meio da repetição<sup>12</sup>. Por conseguinte, os verdadeiros bens do homem são os bens espirituais, que consistem na virtude da sua alma, e é neles que está a felicidade. Quando falamos de virtude humana, não entendemos de modo algum a virtude do corpo –, mas a virtude da alma; e dizemos que a felicidade consiste numa atividade própria da alma.

## **2 A NATUREZA DA FELICIDADE**

Como adquirimos a felicidade? Será ela por ventura adquirida pela aprendizagem, pelo hábito, ou por meio de uma pura sorte? Para um posterior aprofundamento, no tocante a estas duas interrogações, faz-se necessário, que nos detenhamos um pouco como o filósofo deduz as virtudes éticas e como adquirimos e qual a natureza comum entre elas.

O filósofo deduz as virtudes a partir da alma, cuja mesma se divide em racional (*logos*) e irracional (*alogon*), esta (alma irracional) é composta de duas faculdades: a alma vegetativa e a apetitiva. A faculdade vegetativa é comum a todos os seres vivos, já a faculdade apetitiva é comum tanto aos animais quanto ao homem, sendo que no homem se submete a alma racional.

Da alma racional, Aristóteles concebe as virtudes *dianoéticas*. Quanto às duas outras partes da alma: vegetativa e apetitiva, a vegetativa não participa em

<sup>12</sup> SILVEIRA, Denis Coitinho. *Os sentidos da Justiça em Aristóteles*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 27.



**ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**

nada da razão, ou seja, ela é privada de *logos* completamente; já a outra (apetitiva) participa dela em quanto lhe é obediente, ela não tem o *logos*, mas é capaz de escutá-la e segui-la desde que receba a devida educação. O hábito (virtude ética) é o âmago desta educação e o caráter<sup>13</sup> será sem dúvida o seu resultado.

Como fora já dito, Aristóteles dividiu as virtudes em éticas e *dianoéticas*. Diz o Estagirita: “Sendo, pois, de duas espécies a virtude, intelectual e moral; a primeira, por via da regra, gera-se e cresce graças ao ensino – por isso requer experiência e tempo; enquanto a virtude moral é adquirida em resultado do hábito [...]”<sup>14</sup>.

Virtudes { *Dianoéticas* – intelectuais.  
Ética – do caráter.

As virtudes éticas são as virtudes do saber prático, elas não estão destinadas ao conhecimento, mas a ação do homem, isto é, a sua *práxis*, por isso, provêm do hábito. As virtudes de acordo com o filósofo, consistem em uma disposição de caráter, todavia não são inatas, elas não são geradas em nós por natureza, pelo contrário, por natureza somos adaptados “[...] a recebê-las e nos tornamos perfeitos pelo hábito”<sup>15</sup>. As virtudes são conquistadas através de um exercício constante; só por meio de um esforço do dia a dia é que o homem pode alcançar a virtude e exteriorizá-la em sua *práxis*.

Devido não ser inata ao homem é necessária a autoeducação (*paidéia*) para as virtudes, para que ele possa agir de forma ética. A educação para as virtudes faz com que a razão se imponha sobre as paixões e apetites. Neste contexto, diz se que: “A educação (*paidéia*) ética resume-se, pois, em hierarquizar-se o poder anímico vegetativo e sensitivo ao governo da razão”<sup>16</sup>. E como adquirimos a virtude

<sup>13</sup> Caráter disposição adquirida segundo o hábito EN II 6, 1107a 1-8.

<sup>14</sup> EN II, 1, 103a 14-19.

<sup>15</sup> EM II, 1, 103a 25-27.

<sup>16</sup> BITTAR, Eduardo C.B. *A justiça em Aristóteles*. 3ª Ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2005, p. 95.



I SEMANA NACIONAL DE  
TEOLOGIA, FILOSOFIA E  
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:  
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

## **ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**

79

moral? Como vimos a virtude moral é conquistada em resultado do hábito; as virtudes são apreendidas por nós analogamente como nas artes: “[...] por exemplo, os homens tornam-se arquitetos construindo e tocadores de lira tangendo esse instrumento. Da mesma forma que nós tornamos justos praticando atos justos, e assim com a temperança, a bravura, etc [...]”<sup>17</sup>. É por meio do hábito contínuo de tocar lira, que um homem se torna um bom tocador de lira, assim também com o arquiteto, quanto mais ele exercitar, melhor construtor será, assim como o filósofo quanto mais exercitar a razão, mais capacidade terá de agir segundo os princípios racionais; desta maneira, tornar-se-ão bons em suas respectivas funções quanto mais exercitarem. É evidente que não é de um dia para outro que se tornam bons tocadores de lira ou bons arquitetos, nem bons filósofos, porque requer certo tempo.

As virtudes intelectuais ou *dianoéticas* têm a sua origem na alma racional. Na alma racional encontram-se duas partes, uma que é razão prática e outra que é razão teórica. Esta se destina ao conhecer, ou seja, ao saber teórico e a sua virtude típica é a *sapiência (sophia)*. Ao passo que as virtudes do saber prático não estão destinadas ao conhecer, mas a *práxis*. A *phónêsis* enquanto sabedoria prática capacita o homem para melhor deliberar acerca do que é bom e do que é mal, do que é justo ou injusto.

Nesta perspectiva, o Estagirita diz que a sabedoria prática é “[...] uma capacidade verdadeira e raciocinada de agir com respeito às coisas que são boas ou más para o homem [...]”<sup>18</sup>. Pode-se inferir que, a *Phrónêsis* auxilia o homem indicando os meios pelo quais ele deve agir de forma lícita para chegar aos seus fins, sem ferir o outro e, assim ter uma vida bem sucedida.

A respeito, ainda, da *sophia* e da *phrónêsis* uma observação se faz necessária. Apesar de serem distintas, a *Sophia* e *Phrónêsis* estão intrinsecamente ligadas. Vejamos, pois, o que diz Aristóteles: “[...] não é possível ser bom na acepção estrita do termo sem sabedoria prática, nem possuir tal sabedoria sem a

<sup>17</sup> EN II 1, 1103<sup>a</sup> 33, 1104b – 2.

<sup>18</sup> EN II 5, 1140b 4-6.



I SEMANA NACIONAL DE  
TEOLOGIA, FILOSOFIA E  
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:  
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

## **ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**

80

virtude moral [...]”<sup>19</sup>. Com isso, o filósofo mostra que as virtudes não existem separadas umas das outras, mas que ambas se reencontram na unidade antropológica do homem e se complementam na tentativa de conduzir a vida humana da melhor maneira possível.

Mas qual é natureza comum a todas as virtudes? Para Aristóteles não pode haver virtude quando há carência e excesso<sup>20</sup>. A virtude implica uma justa proporção, ela é a mediania entre dois excessos, consiste assim em um termo médio entre dois extremos, um é por falta e outro por excesso. Por conseguinte, a virtude é um ponto de equilíbrio entre dois extremos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, já temos condição de responder a nossa inquietação: a felicidade pode ser adquirida, somente mediante a *práxis* individual das virtudes? Aristóteles concebe o homem como um animal político, *zoon politikon*. Apenas um deus ou animal selvagem conseguiria viver sozinho. O homem não basta a si mesmo. Há uma predisposição para se viver em sociedade e essa é a finalidade de se viver em comunidade; ser feliz sozinho é impossível. A ciência prática por excelência para Aristóteles é a política, entendida nesse trabalho como a ciência que engloba a atividade ética dos homens considerados como cidadãos que pertencem a um Estado (*pólis*). O homem alcança a felicidade, na vida ética; o fim último do homem só se torna possível na vida comunitária.

## **REFERÊNCIAS**

ARSITÓTELES. *Ética a Nicômaco*, in; Os pensadores, IV Aristóteles, São Paulo: Abril Cultural, 1973.

<sup>19</sup> EN II 13, 1144b 31-33.

<sup>20</sup> MASCARO, Alysson Leandro. *Filosofia do Direito*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2016.



I SEMANA NACIONAL DE  
TEOLOGIA, FILOSOFIA E  
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:  
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

**ST 1: TEOLOGIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**

81

BITTAR, Eduardo C.B. *A justiça em Aristóteles*. 3.ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2005, p. 95.

MASCARO, Alysson Leandro. *Filosofia do Direito*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

NODARI, Paulo Cesar. A Ética Aristotélica. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v. 24, n. 78, 1997.

SANDEL, Michael J. *Justiça: o que é fazer a coisa certa?*. Trad. Heloisa Matias e Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.

SILVEIRA, Denis Coitinho. *Os sentidos da Justiça em Aristóteles*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 27.